

AS POSTURAS DOS DOCENTES EM UNIVERSIDADES DA BAHIA-BRASIL:

o silêncio dos não inocentes

Antônio Oscar Santos Góes

Doutor em Sociologia Econômica e das Organizações, ISEG-UTL, Lisboa, Portugal
Professor Adjunto do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis Universidade
Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil.

oscargoes11@hotmail.com

José Ricardo Silva Santos

Discente do Curso de Administração do Departamento de Ciências Administrativas e
Contábeis Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil.

josericardobio@hotmail.com

Núbia Aparecida Pinto Coelho

Mestre em Economia Regional e Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz
– UESC, Bahia, Brasil.

Professora Auxiliar do Departamento de Administração e Ciências Contábeis da Universidade
Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus/Bahia, Brasil

nubia.uesc@gmail.com

Maria Josefina Vervloet Fontes

Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Professor Titular do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis Universidade
Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil.

josefinafontes@hotmail.com

RESUMO

Na Universidade, os conhecimentos e suas derivadas formas de trabalho são direcionados para proporcionar um indivíduo com competências técnicas e humanísticas. O docente é um ponto central do processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, observa-se, que muitas ações contrárias acontecem em ambiente universitário, implicando em falta de compromisso do professor com o ensino. A avaliação do docente, muitas vezes, não é sistematizada e, quando acontece é incompleta, sem o objetivo de aperfeiçoamento contínuo. Em sendo assim, este *paper* analisa a postura do professor frente às ações contraproducentes que prejudicam o trabalho docente. A metodologia foi básica, qualitativa e exploratória. Utilizaram-se levantamentos bibliográficos e documentais, além de anotações no diário de bordo. Apurou-se que uma parte dos professores utiliza-se de *práxis* que maculam a profissão dignificadora e libertadora de consciências. Portanto, práticas, às vezes inadequada, naturalizadas, são utilizadas no processo educativo, provocando um mal-estar à profissão; um docente descomprometido.

Palavras-chave: Ensino Superior. Práticas inadequadas. Professor.

ABSTRACT

At the University, knowledge and its derivative forms of work are directed towards an individual with technical and humanistic skills. The teacher is a central point in the teaching and learning process. However, it is observed that many counterproductive actions happen in a

university environment, implying lack of commitment of the teacher with the teaching. The evaluation of the teacher is often not systematized and, when it happens, is incomplete, without the objective of continuous improvement. In this way, this paper analyzes the teacher's attitude toward counterproductive actions that undermine the teaching work. The methodology was basic, qualitative and exploratory. Bibliographical and documentary surveys were used, as well as annotations in the logbook. It was found that a part of the teachers uses postures that tarnish the dignifying and liberating profession of consciences. Therefore, practices, sometimes shameful, naturalized, are used in the educational process, provoking a derision to the profession; a malaise; a decadent teacher.

Key-words: Higher education. Inappropriate practices. Teacher.

1 INTRODUÇÃO

Vive-se uma transição globalizada nas entranhas do século XXI, conseqüentemente tende-se a uma mutação planetária. A sociedade está envolta em um turbilhão da mudança. Abranches (2017, p.17) afirma que: "marchamos rumo a descontinuidades radicais, a rupturas estruturais". Exige-se, pois, uma reorganização institucional. A universidade não está imune a esses imperativos e tempos mutantes; as inquietudes do terceiro milênio.

As Instituições de Ensino Superior (IES), nas fronteiras da complexidade e do caos, exigir-se-ão resultados mais visíveis e úteis aos demandantes, pois tem um papel importante naquilo que executa: ensino, pesquisa e extensão. As universidades obrigam-se a responder aos problemas intensos da sociedade. Assim, possivelmente, no futuro próximo, haverá um controle mais exigente do meio social no Brasil nas escolas superiores, com os educadores.

A gestão das universidades, no porvir, passará por novos e desafiadores rearranjos estruturais, competências diferenciadas, inovações constantes, práticas estratégicas e outros para acompanhar as transformações, além da audácia para ousar. Entretanto, observam-se diversas disfunções no processo administrativo, particularmente, nas atribuições dos docentes.

É inegável que há excelentes professores que fazem do seu ofício um sacerdócio literalmente, de maneira muito mais que satisfatória, uma excelência; outros, ainda, comprometem-se no processo educativo universitário. Outrem, já, mesmo na incompletude do ser, agem de forma responsável, cumprem as demandas administrativas e legais, as atribuições da profissão.

Almeja-se que os educadores das faculdades sejam profissionais de excelência, postura ilibada, comportamento humano e tecnicamente competente, isso é no mínimo esperado do ente que leciona. Existe o outro lado da moeda. O reverso da medalha não é tanta luz assim. O lado

das práticas inadequadas, o menosprezo existe em qualquer área de trabalho, assim como do docente. Direciona-se a um mal-estar da profissão, sublinhado pela materialização de um exercício insuficiente, inerte às exigências institucionais, dilatando um encaminhamento inconsistente das práticas e propostas das atividades laborais. O contrapelo à plenitude da profissão. Assim sendo, enraízam-se as muitas peças que arquitetam desfavoravelmente a docência. Em sendo assim, instiga-se: quais práticas disfuncionais que desprestigiam a postura desse educador?

No contexto em lide, de forma ampla na sociedade, os indivíduos optam pelo lado bom da vida, muitas vezes esperançosos. Não obstante, há um estrutura maléfica no seio social do Brasil. O povo brasileiro não aguenta mais tantas situações irregulares, imorais e ilegalidades no seu cotidiano, especialmente na classe política (o que estão fazendo com o Brasil?). Esse panorama em que vive o Estado brasileiro, possivelmente está também no mundo. Uns países com mais intensidade do que outros. Precisa-se de nova propostas, novo condicionamento para alterar significativamente este modelo vigente corruptível de todas as sociedades.

A corrupção é endêmica no Brasil, segundo o jornal francês *Le Monde* (2017). O Jornal do Brasil de 18 de junho de 2017, atualizado às 12h e 12min, do site <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/05/18/crise-politica-do-brasil-e-destaque-na-midia-internacional/>, acessado em 06/07/2017, registra que os jornais internacionais: *NYT*, *Clarín*, *El País*, *Le Monde*, *The Guardian*, *Washington Post* relataram diversas notícias graves sobre deterioração de uma sociedade que está estranhada na faceta de oferecer algo para obter vantagem, um ganha em detrimento do outro, do macro ao micro ambiente das instituições públicas ou privadas, das coisas mais simples, como por exemplo: não cumprir a carga-horária, chegar fora do horário ou sair antes do horário previsto das aulas. Tudo a alastrar-se no ambiente acadêmico.

A presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Cármen Lúcia, contextualizando os problemas institucionais brasileiros, afirmou no jornal O GLOBO, de 26/11/2-18 que "... E agora parece se constatar que o escárnio venceu o cinismo. Quero avisar que o crime não vencerá a Justiça. A decepção não pode vencer a vontade de acertar no espaço público. Não se confunde imunidade com impunidade." (Lúcia, 2015). Tudo isso referente a corrupção no país. Já Eliana Calmon, Corregedora Nacional de Jutiça (CNJ), corrobora com esse pensamento ao afirmar na entrevista do progra de TV Cultura - "Roda Viva"- que há "*bandidos de toga*"

(Calmon, 2011, p. 1). Parece um grito de alerta que está começando a ecoar, possivelmente no cenário da educação, com direcionamentos para os envolvidos.

Parafraseando esses pensamentos, será que se tem "contraventor da lousa" quando os educadores estão assíncronicos com atribuições nobres? Fala-se em corrupção, às vezes não intencionada. Estes acontecimentos como atividades anormais, tornam-se normais, como: não cumprir o regimentos institucional. Se não for corrupção, de forma mais elegante, poder-se-ia chamar de disfunção, ou ainda, desvio de responsabilidade. Certamente, nem todos os triunfadores terrestres [professores] agem dessa forma, constituindo as dignificadoras exceções (Franco, 2015, p. 90).

Sob essa perspectiva, este ensaio analisa a postura do professor frente as ações contraproducentes que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem nas universidades. Para o alcance desse objetivo nuclear, na mesma linha de investigação, trabalharam-se com: identificar aspectos disfuncionais dos educadores; analisar práticas contraditórias desses entes. Além disso, objetiva criar, posteriormente, uma pergunta que se tornará o pontapé inicial de uma pesquisa mais aprofundada da postura inadequada do professor. A teoria referencia o sujeito professor, o seu papel responsável, bem como as práticas de trabalho. Apurou-se que uma parte dos docentes utiliza-se de posturas que os caracterizam como perfeitos maus professores. Esta frase rigorosa e direta já foi validada pelo pesquisador Tahan (1967).

2 SPOTLIGHT - O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E SEU PAPEL RESPONSÁVEL

Os rótulos de bom professor, em seu papel responsável, enveredam o tempo, a cultura e a sociedade em que ele está inserido, em um jogo que varia em função dos valores e dos interesses que contornam a sociedade em determinadas épocas. A compreensão do bom professor vincula-se ao tempo e ao lugar onde se encontra, em uma ideia socialmente elaborada, e que coloca boas qualidades ao docente (Cardoso, 2015).

Nessa perspectiva, Schwartz & Bittencourt (2012) salientam que as boas características e práticas do bom professor normalmente caminham pela estrada do processo de ensino e aprendizagem, incluindo a figura de mestre e o saber pedagógico-científico, bem como sua autoridade no que diz respeito aos seus educandos. Assim, acrescentam que, inclusive em instituições que se orientam às perspectivas atuais acerca da Educação, esta em seu sentido ampliado, trilha sobre atributos calçados na centralidade do discente e nos processos de

aprendizagem, fato que demanda um bom relacionamento interpessoal entre o docente e seus alunos.

Não obstante, Góes e Dib (2016) se distanciam dessa lógica, apontando que o bom professor vai além de suas práticas pedagógicas, pois, aquele que está comprometido com seu ofício transpõe as barreiras que pretendem formar um discente revestido de qualidades. Em sendo assim, o docente excelente discrimina todo aquilo que faz parte de suas atribuições e, portanto, encontra-se atrelado às normas e à legislação do que está vinculado.

Diante desse panorama, percebe-se que as características de um bom professor universitário transpõem os aspectos estreitamente conteudistas ou relacionados às habilidades de comunicação interpessoais desses sujeitos; exige-se um profissional marcado pelo compromisso com a Educação, inquietos em relação aos problemas dilatados no âmbito instucional, desde a sala de aula aos procedimetnos administrativos. Um todo intergado. Mas será que isso acontece em plenitude?

A literatura a respeito da profissão docente nas Universidades aponta que esta categoria vem sendo bastante investigada nos últimos anos. Entretanto, em muitas situações, dialogam sobre saúde dessas pessoas, como a Síndrome de Burnout e o estresse (Servilha & Arbach, 2011; Cortez, Souza, Amaral & Silva, 2017), sobre suas condições de trabalho (Lima & Lima-Silva, 2009) e em sobremaneira se debruçam sobre o relacionamento entre o binômio professor-aluno, sobretudo, problematizando reflexões acerca das metodologias que compõem o processo de ensino e aprendizagem (Ferreira, Carpin & Behrens, 2013).

Considera-se que as formulações aqui propostas funcionam como o desenvolvimento embrionário da problematização da profissão docente universitária com esse direcionamento, a qual, em muitas situações, são revestidas por práticas que a coloca em questionamentos. Tendo em vista um quantitativo reduzido de referencial para esta pesquisa, pretende-se, a seguir, apontar os elementos que colocam esses profissionais no descaminho do papel responsável que lhe compete, postulando as posturas inadequadas.

Não é difícil perceber que o trabalho docente contornado pela boa qualidade exige desse profissional um comprometimento com a Educação, considerando todos os aspectos relacionados às suas atribuições na Universidade. Nesse processo, encarna-se uma dualidade de atividades entre lecionar e cumprir as demais responsabilidades docentes, incluindo-se as dimensões administrativas. Parafraseando Tardif (2002), tirando da realidade do aluno e trazendo para o contexto aqui discutido, o professor somente poderá desempenhar suas funções

com esmero se ele estiver imbuído de um comprometimento competente, sensível à necessidade de cumprir todas as atividades que lhe cabe enquanto colaborador da instituição.

Nesse cenário, as posturas inadequadas assumidas refletem um caminho que envereda o mal-estar dessa categoria. Essas posturas, então, dilaceram a profissão docente e, por envolver tantos e diversificados aspectos, acredita-se que mudanças posturais raramente acontecerão em curto prazo. É necessário elaborar as mudanças, de maneira sistematizada, comungando para os objetivos das IES.

Alia-se a isso o fato de que muitos professores exercem outro tipo de atividade em outras instituições e lecionam somente durante um período do dia, tendo a docência como algo complementar, secundário. Esses profissionais atuam de maneira parcial nas Universidades, sem estabilidade e com baixa especialização acadêmica. Para esses, é dada pouca atenção à progressão de carreira, visto que, para isso, são necessárias outras atividades para além da sala de aula, como projetos de pesquisa e extensão (Pereira & Anjos, 2014).

Torna-se necessária uma revolução cultural, para que docente do ensino superior possa sair do isolacionismo que o cerca, visando um exercício solidário e em equipe com seus pares, se aproximando do exercício comprometido de suas atribuições. Acrescenta-se, ainda, que esse educador deve atuar como agente corresponsável pela formação de profissionais na sociedade contemporânea, sendo esta uma das exigências do século XXI que são colocadas ao professor universitário (Masetto, 2015).

3 METODOLOGIA

Este *paper*, de forma provocativa, contrapõe um modelo rigoroso e sistemático de fazer ciência racional e positivista. Ampliam-se questionamentos de maneira diferenciada, mas com o mesmo objetivo de fazer cientificidade. Estas afirmações são corroborados por Abranches (2017, p.15), quando argumenta que:

Este [o livro] é um ensaio, não um estudo acadêmico. Procurei me afastar dos contrangimentos da forma acadêmica e de apresentação de ideias. Em muitos casos, tenho visto a forma de proceder ao conteúdo, sobrepor-se a ele. Quis, também, estar livre da obrigação de fazer a exposição sistemática das ideias e dos processos, como se sua compartimentação melhorasse a compreensão. Aqui as reflexões misturam-se, entrelaçam-se, emergem, em vários momentos, associados ora a um conjunto ora a outro conjunto de questões, como vem acontecendo em nossa própria vida.(...) A sistematização em compartimentos 'lógicos' ou 'teóricos' dissimularia a natureza

complexa, redundante, revoltosa, contraditória e incerta da transição e da quantidade de dúvida e tentativa que de fato há nesse intervalo da história em que vivemos.

A metodologia foi básica, qualitativa, exploratória. A matriz Porteana foi utilizada, com base prioritariamente nos pontos fracos ou fragilidades da matriz SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*) (Porter, 2003).

Por pesquisa básica, entende-se como a investigação que se debruça sobre determinada temática, a fim de trilhar o avanço do conhecimento, no entanto, sem se preocupar, a priori, com uma aplicação imediata e prática prevista (Cervo, Bervian e Silva, 2007).

A abordagem qualitativa, de acordo com as proposições de Gil (2010), representa uma possibilidade de se fazer inferências sobre a realidade investigada, buscando interpretá-la, por meio de um delineamento sistemático entre o pesquisador e a situação investigada.

Já a pesquisa exploratória se aconra no problema investigado, a fim de propor hipóteses. Em linhas gerais, constitui uma pesquisa inicial, com pouco conhecimento sistematizado, na qual o pesquisador pretende aprofundar os conhecimentos em atualizações futuras (Vergara, 2006). Nesse sentido, permite que o investigador possa ter maior familiaridade com a temática analisada, visando torná-la mais explícita, a partir da formulação das hipóteses (Gil, 2010).

Utilizaram-se levantamentos bibliográficos e do cumentais. Além das anotações no diário de bordo de 2017, instrumento este de grande valia para registros do dia a dia investigado, maneira informal, com precisão no momento de anotar o ocorrido de forma vivencial. As informações catalogadas refletiram as *práxis* educativas desabonadoras. Ainda, este trabalho limita-se a procedimentos administrativos, a afastar-se de juízo de valor.

4 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência é vista como uma profissão que gera outras profissões. Sabe-se que em países como o Japão e a Noruega, os professores são reverenciados. No Brasil, apesar da sua importância, o valorar dessa profissão ainda não é significativo. Mesmo assim, professores, em tese, cumprem suas atividades da melhor forma possível, com comprometimento.

Não obstante, os incidentes críticos negligentes na atuação em sala de aula dos docentes, muitas vezes, acontecem de forma que os envolvidos (professores, alunos e gestores) evitem a exposição.

No diário de bordo, registrou-se uma ocorrência que chamou atenção. O professor expôs em sala de aula que o conteúdo de uma disciplina com carga-horária de 60 horas semestrais fora concluído em 40 horas. Um percentual de 66% do total. Ao confrontar entre o responsável do curso e o sujeito, a justificativa compreendida foi: é melhor terminar mais cedo do que enganar e fazer que está dando aula. Em vez de espelhar-se nas boas condutas, a defesa veio com os exemplos disparatados. Possivelmente, como não há controle, outrem também utilizam-se dessa prática.

Dando continuidade a situação descrita, há fragilidade de aprendizagem de 50% da turma com reprovação, que pode ser comprovada com as atividades avaliativas nos diários de classe. Já com a ente em análise, a aprovação generalizou-se. Com isso, considera-se que a postura do docente, no mínimo é descuidada. Nesses casos, os docentes são, evacionados. Não sabendo que está fazendo um desserviço ao mundo acadêmico, colocando no mercado de trabalho profissionais que se ousa chamar de universitários funcionais, parafraseando o termo alfabetizados funcionais. Isto significa condições mínimas de leitura e de escrita.

As normas da entidade analisada, encoberta para não ocorrer constangimento, exigem que o professor a cada início de semestre atualize o programa de cada disciplina. Durante o acompanhamento de oito semestres, aproximadamente quatro docentes fizeram a atualização do documento. Os demais, mais ou menos 30 deles, simplesmente, ignoraram. Isso deve ser estendido aos outros colegiados. Desde já, observa-se situações indesejáveis.

Em relação aos planos e os relatórios de trabalho, que também são obrigatórios no fechamento e encerramento do semestre, em setores de diversos cursos, anotou-se que o professor sequer sabia o que era isso. Imagina-se, então, que o procedimento burocrático exigido não é feito. Como melhorar a postura, já que em ações simples há desleixo? Isso é um *iceberg* dos problemas enfrentados para o gerenciamento efetivo das IES, particularmente, as públicas.

Fatos absurdos acontecem de forma naturalizados nas instituições de ensino. Vejam-se outros ocorridos: a) um docente marcou um *personal trainer* no mesmo horário da aula, informou aos alunos da situação, além de expor em uma rede social; b) já outro indivíduo, em um domingo, festejando com amigos, direito de qualquer pessoa ao lazer, postou em uma rede social o ocorrido, entretando, na manhã de segunda-feira, pós o domingo, este profissional envolvido informou que não poderia ir para a faculdade. Para piorar o descaso total, o professor informou diretamente para os alunos em um aplicativo de mensagens. Os setores responsáveis

não foram informados, desrespeito à hierarquia das organizações; c) um professor faltou várias vezes, em um determinado dia passou a lista de presença com todos os alunos presentes em um único dia, colocou falta nos alunos que não estavam presentes naquele determinado dia.

Outra situação que gera conflito está atrelada quando os docentes têm duas ou mais atividades profissionais. Geralmente, não poucos, priorizam a outra função, em detrimento da pública. Houve casos no mesmo horário de aula o professor estava em outra instituição, como também trabalha em uma repartição fora da instituição, vem para sala de aula no mesmo horário que deveria estar na entidade externa. Para além disso, tem carga-horária de 40 horas como professor e 40 horas em outra atividade, às vezes, no setor público, laborioso de ser cumprido, além do desacordo das normas. Essa situação nem merece ser comentada, pois, naturalmente em um desses lugares pode não haver comprometimento, às vezes, maculando a postura profissional.

Esses relatos apresentados, no entanto, constituem somente o início para uma análise mais complexa e aprofundada. Em investigações anteriores, Góes e Dib (2016) identificaram ações inadequadas de professores do ensino superior, caracterizando-os como docentes com pouco compromisso com a universidade. Dentre essas práticas, destacam-se: ausência sem motivo aparente; não participa de reuniões oficiais, tampouco justifica sua ausência; conteúdo ministrado de maneira incompleta; não cumprimento da carga horária total da disciplina, inclusive, terminando a aula antes do horário previsto pelas normas; e normas administrativas cumpridas parcialmente.

Para reflexão, serve de advertência a afirmação a seguir: "Mestres encarregados de educar as gerações novas, são surpreendidos em deslizes lamentáveis que produzem choque pela gravidade dos desmandos que se permitem, ao violarem todas as regras do comportamento ético [...] (Franco, 2015, p. 131).

Em sendo assim, ainda que as posturas adequadas, profissional de excelência, de acordo com as normas preestabelecidas, causem atrito, tanto com os alunos como com seus pares, elas devem ser estimuladas e generalizadas nas universidades. Um bom exemplo deve ser seguido. A responsabilidade do docente é incomensurável, pois é a profissão das profissões. Então, "nunca cesses de experimentar novas áreas de conhecimento, campos de trabalho e de atividades renovadoras" (Franco, 2015, p. 127), até mesmo na educação superior.

Estas reflexões, independentemente de quaisquer resultados: refutar, desmentir, confirmar, farão uma provocação intencional para despertar os processos das disfunções que

ocorrem no âmbito acadêmico, através dos envolvidos. Provavelmente, os achados vão incomodar boa parte dos docentes. Possivelmente, muitos argumentos serão retornados para contradizer os posicionamentos detectados. Haverá concordância ou não. Há paz quando se enfrenta a guerra. Todo trabalho para melhorar exige atrito. O atrito é o fomentador das melhorias.

Depois, poder-se-ia comprovar com um pesquisa de amplitude nacional desenvolvida pelo Ministério da Educação do Brasil. Pretende-se, pois, fazer barulho, um estardalhaço para que as disfunções sejam emergidas, expostas, doa a quem doer.

Ainda, espera-se que este ensaio seja um legado. Uma exposição de ferida a ser cicatrizada. Quiçá, uma contribuição para engrandecimento e aplicabilidade dos valores enobrecedores da humanidade, desenvolvidos no seio da educação. Assim, *I hope so!* Aistóteles, grande filósofo clássico, já asseverava: "A esperança é o sonho do homem acordado". Por tudo, acorda-te!!!

Por termo, o eixo central deste ensaio propiciou um novo questionamento para uma investigação mais aprofundada, detalhada, sistematizada, financiada para grande alcance: como as posturas inadequadas dos docentes universitários podem ser enfrentadas para uma melhor conduta profissional do processo de ensino e aprendizagem de excelência?

REFERÊNCIAS

- Abranches, S. (2017). *A Era do Imprevisto: a grande transição do século XXI*. São Paulo: Companhia de Letras.
- Calmon, E. (2011). *Eliana Calmon reafirma que há 'bandidos de toga'*. Entrevista concedida a Tatiana Farah, São Paulo, 14 nov. 2011. Recuperado em 12 de maio, de <https://oglobo.globo.com/brasil/eliana-calmon-reafirma-que-ha-bandidos-de-toga-3241990#ixzz4m59BwAkestest>
- Cardoso, M. R. G. (2015). O bom professor universitário do século XXI e sua prática. *Cadernos da Fucamp*, 14(15), 133-148. Recuperado em 23 jul. 2017, de <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/622/457>
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., Silva, R. (2007). *Metodologia Científica*. 6 ed. Sao Paulo: Makron Books.
- Cortez, P. A., Souza, M. V. R., Amaral, L. O., & Silva L. C. A. (2017). A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. *Caderno de Saúde Coletiva*, Rio de

- Janeiro, 25(1): 113-122. Recuperado em 08 agosto 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v25n1/1414-462X-cadsc-1414-462X201700010001.pdf>
- Dib, A. (2006). Reflexões de Freire sobre a diversidade cultural. In *Quaderns d'Educació Contínua*. p. 858-866, 15 set. Valencia: Xàvita.
- Franco, D. P. (2015). *Tesouros libertadores*. 1. ed. Salvador: Leal.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- Góes, A. O. S., Fontes, M. J. V. F., Farias, L. G. C., Silva Júnior, A. C. (2009). Um diálogo entre Weber, Durkheim e Giddens na formação empreendedora do gestor. In Anais do 6º Encontro Nacional de Empreendedorismo, ENEMPRES. Nov. 22-24, Santa Catarina: Lages.
- Góes, A. O. S., & Dib, A. (2016). O docente sob fogo cruzado: os incidentes críticos no processo de ensino e aprendizagem. CONFERÊNCIA DA FORGES, 6, 2016, Campinas, SP, Universidade de Campinas - UNICAMP. Recuperado em 23 jul. 2017, de http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2016/11/7-Antonio-Goes-Alfredo-Dib_O-docente-sob-fogo-cruzado.pdf
- Lima, M. F. E. M. & Lima-Filho, D. O. (2009). *Ciências & Cognição*, 14 (3): 062-082. Recuperado em 08 agosto 2017, de http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v14_3/m253.pdf
- Lúcia, C. (2015). *Cármem Lúcia sobre prisão: 'o escárnio venceu o cinismo'*. Entrevista concedida a Brígido Carolina, Brasília, 25 nov. 2015. Recuperado em 12 de maio, de <https://oglobo.globo.com/brasil/carmen-lucia-sobre-prisao-escarnio-venceu-cinismo-18135697#ixzz4m58GNP3t>
- Masetto, M. T. (2015). *Competência pedagógica do professor universitário*. 3. Ed. São Paulo: Summus.
- Pereira, L. R., & Anjos, D. D. (2014). O Professor do Ensino Superior: perfil, desafios e trajetórias de formação. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, Universidade de Sorocaba – Uniso, Sorocaba-SP. 1-11. Disponível em: https://www.uniso.br/publicacoes/anais_eletronicos/2014/1_es_formacao_de_professores/31.pdf. Acessado em: 15 jul. 2017.
- Porter, M. E. (2003). *Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. São Paulo: Elvossier.
- Schwartz, S., & Bittencourt, Z. A. (2012). Quem é o “Bom Professor” Universitário? Estudantes e professores de cursos de Licenciatura em pedagogia dizem quais são as (ideais) qualidades deste profissional. In: ANPED SUL – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9, 2012, Caxias do Sul. Anais IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, p. 1-13. Recuperado em 18 jul. 2017, de

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1423/976>

Servilha, E. A. M., & Arbach, M. P. (2011). Queixas de saúde em professores universitários e sua relação com fatores de risco presentes na organização do trabalho. *Distúrb Comun*, São Paulo, 23(2): 181-191, agosto. Recuperado em 08 ago. 2017, de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/8274/6149>

Tahan, M. (1967). *A arte de ser um perfeito mau professor*. Rio de Janeiro: Vechi.

Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

Vergara, S. C. (2006). *Métodos de pesquisa em administração*. 2. ed. São Paulo: Atlas.